

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Pedro Figueiredo Nolasco

**A IDEOLOGIA DO DISCURSO MUDIÁTICO SOBRE A CRISE CLIMÁTICA**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).  
Orientador: Luiz Antonio da Silva Peixoto

Juiz de Fora  
2025

## DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **Pedro Figueiredo Nolasco**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número **202272049A**, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **A Ideologia do discurso midiático sobre a crise climática**, desenvolvido durante o período de **novembro 2025 a março 2025** sob a orientação de Dr. Luiz Antônio da Silva Peixoto, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

**Pedro Figueiredo Nolasco**

### **Marcar abaixo, caso se aplique:**

Solicito aguardar o período de ( ) 1 ano, ou ( ) 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

## A ideologia do discurso midiático sobre a crise climática

Pedro Figueiredo Nolasco<sup>1</sup>

### RESUMO

Esse artigo busca refletir sobre a atual crise climática, analisando a partir de uma pesquisa bibliográfica de textos marxistas, o papel da ideologia do discurso midiático, destacando a função da indústria cultural, principalmente os meios de comunicação em massa tradicionais, em manter o sistema capitalista pelo aparato da razão técnica da sociedade industrial. O objetivo é apontar o capitalismo como causador dessa crise, enquanto um sistema de produção e consumo antiecológico, que através do estabelecimento da propriedade privada e do trabalho alienado, criou uma falha na relação metabólica entre homem-natureza, alienando o homem da natureza. Dessa forma, reconhecer que a sociedade passa por um processo de alienação da sua relação com a natureza resultante do capitalismo industrial, e as possíveis soluções da atual crise climática não existem dentro do capitalismo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ideologia. Natureza. Meios de comunicação. Crise Climática

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca, a partir de uma pesquisa bibliográfica, compreender como a ideologia está presente na disseminação de informações da crise climática, a partir das noções marxistas sobre ideologia, tendo em foco as perspectivas de ideologia desenvolvidas pela escola de Frankfurt e a significação do termo proposto por Terry Eagleton em “Ideologia: uma introdução”, além de refletir sobre a ecologia no capitalismo e a ausência de alternativas ecológicas que rompem com o sistema, tal sistema que se mostrou insustentável ecologicamente.

Buscaremos em um primeiro momento definir qual dos diversos conceitos sobre o termo “ideologia” e as muitas significações que ele possui ao longo de todo o desenvolvimento teórico servirá para a seguinte análise. A ideologia opera como uma ferramenta de ocultação das mazelas do capitalismo, além da naturalização e a universalização dos problemas sistêmicos, que se tornam de responsabilidade de todos os seres humanos e não de um seletivo grupo de indivíduos que detém poder político e econômico, a ideologia funciona a fim de ocultar alternativas que seguem na contramão do capitalismo. Para nos debruçarmos sobre a questão da mídia e das alternativas ambientais propostas para operarem de acordo com o sistema econômico atual, consideremos a seguinte definição de ideologia proposta por Terry Eagleton:

Há, finalmente, a possibilidade de um sexto significado de ideologia, cuja ênfase recai sobre as crenças falsas ou ilusórias, considerando-as porém oriundas não dos interesses de uma classe dominante, mas da estrutura material do conjunto da sociedade como um todo. O termo ideologia permanece pejorativo, mas evita-se uma descrição genético-classista (EAGLETON, 1997, p.40).

A tese é sobre como a ideologia reproduzida pela mídia, advinda da estrutura material da sociedade e respondendo aos interesses de manutenção do sistema capitalista frente a maior crise global, opera em favor da negação da crise climática, a reprodução de discursos de que só resta nos adaptarmos a atual crise e os discursos do apocalipse, que operam todos de maneiras diferentes na exclusão das alternativas possíveis para a resolução da emergência climática.

Observamos como mecanismos ideológicos operam em favor da manutenção do sistema capitalista, a partir da defesa de ações que não são de fato suficientes para conter a crise global, criando uma sensação de que a humanidade está de fato andando em direção a um “desenvolvimento sustentável”, quando não está. O papel da ideologia, como aponta Eagleton:

---

<sup>1</sup> Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Luiz Antonio da Silva Peixoto.

Precisam então acreditar que essas injustiças estão a caminho de serem corrigidas, ou que são contrabalançadas por benefícios maiores, ou que são inevitáveis, ou que não são realmente injustiças. Faz parte da função de uma ideologia dominante inculcar tais crenças (EAGLETON, 1997, p.37).

Ao introduzir tais crenças de que algo está sendo feito por parte do Estado e do setor privado, a ideologia opera pela inação da classe oprimida, pois ao entender que algo está sendo feito pelas pessoas, não é necessária nenhuma ação além da qual já está sendo orientada por parte da mídia. Um ponto em questão é a aceitação da emergência climática como real, mas sem reconhecer as reais causas dessa situação, Eagleton mostra que “Os enunciados ideológicos podem ser verdadeiros em relação à sociedade tal como se encontra constituída no presente, mas falsos na medida em que, desse modo, contribuem para bloquear a possibilidade de transformar um estado de coisas” (EAGLETON, 1997, p.38). A ideologia em questão funciona como um ocultamento pois não permite que indivíduos reconheçam a verdadeira causa do problema social, enquanto são soterrados de soluções individuais que não são suficientes para a solução de tal problema.

Compreendemos também a contribuição de Herbert Marcuse e o conceito desenvolvido em “O Homem unidimensional” para analisar a construção dessa situação em que os indivíduos já não enxergam alternativas possíveis para o capitalismo. O autor reconhece o papel da mídia na manutenção da realidade social, perpetuando uma sociedade cada vez mais alienada e passiva, de acordo com Marcuse:

O pensamento unidimensional é sistematicamente promovido pelos técnicos da política e seus provedores de informação de massa. Seu universo do discurso é povoado por hipóteses que se autovalidam e que, incessantemente e monopolisticamente repetidas, tornam-se definições ou prescrições hipnóticas (MARCUSE, 2015, p. 51).

O progresso técnico apontado pelo autor é determinante no processo de dominação social, o que se realiza é a utilização da ciência como ferramenta de dominação e perpetuação de um sistema. A razão teórica cumpre um papel de suprimir os indivíduos do pensamento livre e impossibilitá-los de enxergar alternativas da realidade atual, a sociedade avançada para Marcuse é uma sociedade que converteu o progresso científico em um instrumento de dominação. Dessa maneira, o avanço científico no capitalismo se tornou uma ferramenta para o acúmulo de capital às custas da degradação ambiental, ocultada pelo discurso do progresso econômico e social. É importante notar como o processo de dominação a partir da tecnologia consegue fornecer a legitimação do poder não apenas no campo do desenvolvimento tecnológico, como também em todas as esferas da cultura (MARCUSE, 2015).

Conforme Marcuse “Se é significativo dizer que a ideologia vem a ser incorporada no próprio processo de produção, também pode ser significativo sugerir que, nesta sociedade, o racional, ao invés do irracional, se torna o veículo mais eficaz de mistificação” (MARCUSE, 2015, p. 164). A mídia da sociedade contemporânea, a partir da racionalização técnica, cumpre o papel de mistificar a própria realidade posta através do discurso de afirmação do capitalismo verde e a validação das soluções ineficazes da crise ambiental, legitimando as falsas soluções criadas pelo próprio sistema.

O desenvolvimento dos estudos da “indústria cultural” de Adorno e Horkheimer são fundamentais para entender o papel da mídia na manutenção do sistema, as perspectivas de como a indústria cultural opera em favor de uma lógica de consumo leva a uma reflexão de como o mercado de produção cultural se relaciona diretamente com o modo de produção antiecológico. Os autores apontam que:

O segmento sobre a “indústria cultural” mostra a regressão do esclarecimento à ideologia, que encontra no cinema e no rádio sua expressão mais influente. O esclarecimento consiste aí, sobretudo, no cálculo da eficácia e na técnica de produção e difusão. Em conformidade com seu verdadeiro conteúdo, a ideologia se esgota na idolatria daquilo que existe e do poder pelo qual a técnica é controlada (ADORNO e HORKHEIMER, 2006, p.15).

Como apontado por Konder em relação ao conceito desenvolvido pelos autores, “o funcionamento dos meios de comunicação em massa e a indústria do entretenimento como um sistema que não só assegurou a sobrevivência do capitalismo como continua exercendo função essencial em sua preservação, reprodução e renovação” (KONDER, 2002, p.82). A ideologia reproduzida pelos meios de comunicação tradicional não se limita a um discurso superficial, já que para a passividade social, se faz adequado transmitir aos telespectadores um certo compromisso coletivo em relação a emergência noticiada, pois é necessária a integração das massas como responsáveis pela situação atual. Dessa maneira a ideologia não opera como uma simples mentira, mas como um falseamento da realidade, a partir de pautas reais, objetivando a legitimação e conseqüente manutenção do capitalismo.

Nesse sentido, é preciso compreender como se estabelece a relação homem-natureza dentro da perspectiva de Marx. John Bellamy Foster - em “A ecologia de Marx: materialismo e natureza” - resgata do autor os fundamentos desta relação imprescindível à vida, que se estabelece através do trabalho enquanto atividade fundante do ser social e que, através da apropriação dessa atividade e da própria natureza pelo capital, torna-se uma relação estranhada e cada vez mais desigual na medida em que as forças produtivas se desenvolvem aos moldes dos objetivos auto expansivos deste sistema de produção, portanto, apontando a impossibilidade de uma alternativa ecológica dentro desta sociabilidade. Foster desenvolve essa relação a partir dos escritos de Marx principalmente a preocupação ecológica do autor, isso porque Marx no livro 3 d'O Capital analisa a apropriação capitalista da natureza através da industrialização da agricultura na Inglaterra no séc. XVIII apontando a incapacidade do capitalismo de produzir uma agricultura sustentável, pois em frente as primeiras crises relacionadas a agricultura vistas pelo capitalismo, em relação ao esgotamento da fertilidade do solo, o avanço científico cumpriu um papel de alavancar a crise na agricultura, estabelecendo uma dependência de fertilizante principalmente na agricultura norte-americana e britânica. (FOSTER, 2005)

## 2. A FALHA METABOLICA

A questão ambiental foi colocada em foco principalmente devido à crise climática, e a partir da perspectiva de falha metabólica da relação homem-natureza proposta por Marx que será analisada, compreendendo o estado atual de degradação ambiental e a manutenção dela em favor de um sistema econômico e político. Marx define o trabalho como “antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza” (MARX, 2017, p.255). A partir desse processo, Marx reconhece uma “falha irreparável” que surge nesse metabolismo a partir das relações de produção capitalista e o antagonismo entre cidade e campo. A relação do homem com a natureza é uma relação dialética, pois da mesma forma que a natureza o modifica, ele modifica a natureza, logo, para a compreensão de um panorama ambiental é necessário reconhecer que os organismos vivos não estão isolados de modificarem substancialmente o meio ambiente enquanto modificam a si próprios nesse processo.

Uma análise ecológica cabal requer uma postura tanto materialista quanto dialética. [...] uma abordagem dialética nos força a reconhecer que os organismos em geral não se adaptam simplesmente ao seu meio ambiente, mas afetam o meio ambiente de várias maneiras e, afetando-o, modifica. A relação é, pois, recíproca (FOSTER, 2005, p. 31-32).

A questão da natureza na formação do homem é, pela perspectiva de Marx, uma relação em que,

A natureza é o corpo inorgânico do homem, a saber, a natureza enquanto ela mesma não é corpo humano. O homem vive da natureza significa: a natureza é o seu corpo, com o qual ele tem de ficar num processo contínuo para não morrer. Que a vida física e mental do homem está interconectada com a natureza não tem outro sentido senão que a natureza está interconectada consigo mesma, pois o homem é uma parte da natureza (MARX, 2004, p. 84).

A relação do homem com a natureza foi transformada ao longo do tempo pela maneira como o trabalho se organiza no capitalismo, sendo assim, o trabalho estranhado não apenas alienou o homem do produto resultante desse trabalho, como também o alienou da sua relação com a natureza. A vida genérica, apontada por Marx, é semelhante à vida genérica dos animais, quando o homem utiliza a natureza a fim de obter os meios de subsistência mais básicos, porém o homem como um ser universal<sup>2</sup>, é capaz de dominar mais a natureza da qual ele vive em relação aos animais, assim o homem torna a natureza uma extensão do próprio corpo.

Portanto, o trabalho enquanto trabalho estranhado, "arranca (entreisst) do homem o objeto de sua produção, o trabalho estranhado arranca-lhe sua vida genérica, sua efetiva objetividade genérica (wirkliche Gattungsgegenständlichkeit) e transforma a sua vantagem com relação ao animal na desvantagem de lhe ser tirado o seu corpo inorgânico, a natureza." (MARX, 2004, p. 85). O trabalho estranhado limita o homem da sua relação com a natureza e a sua capacidade de transformação da natureza, logo, a alienação do trabalho é também a alienação da natureza. A limitação dos meios de subsistência e, por consequência, a imposição do trabalho como a única forma de suprir as necessidades mais básicas do ser humano, colocou o trabalhador sob o domínio do capital, Marx aponta:

A efetivação do trabalho tanto aparece como desefetivação que o trabalhador é desefetivado até morrer de fome. A objetivação tanto aparece como perda do objeto que o trabalhador é despojado dos objetos mais necessários não somente à vida, mas também dos objetos do trabalho. Sim, o trabalho mesmo se torna um objeto, do qual o trabalhador só pode se apossar com os maiores esforços e com as mais extraordinárias interrupções. A apropriação do objeto tanto aparece como estranhamento (Entfremdung) que, quanto mais objetos o trabalhador produz, tanto menos pode possuir e tanto mais fica sob o domínio do seu produto, do capital. (MARX, 2004, p. 80-81).

A propriedade privada cumpre um papel fundamental na formação do trabalho alienado, desde o início do processo de alienação da terra no sistema feudal, até a propriedade privada no sistema capitalista moderno, a dominação da terra é também a dominação do proprietário sobre os trabalhadores.

O papel da propriedade fundiária em larga escala no monopólio da terra – e assim na alienação da Terra – era, segundo Marx, análogo à dominação do capital sobre o dinheiro, entendido como "matéria morta". A expressão "dinheiro não tem dono" era simplesmente uma "expressão da completa dominação da matéria morta sobre os homens". Era a mais plena expressão do fato "de que a terra, como o homem", havia afundado ao "nível de um objeto venal (FOSTER, 2005, p.109).

Com do cercamento das terras comuns e o êxodo dos camponeses para as cidades a partir do século XVI, a instauração do sistema de propriedades privadas veio a modificar a sociabilidade e a relação do homem com a natureza. Ocorreu um cerceamento do direito ao campo e de qualquer relação de uso da natureza como um ambiente de usufruto comum. Em um momento, Karl Marx se ateu ao caso dos camponeses da Prússia que coletavam madeira seca nas florestas, porém eles passaram a serem proibidos de fazer a coleta após a instauração das propriedades privadas. O acesso as florestas já não eram mais permitidas pelos proprietários e pelo Estado, aquilo que antes não tinha valor de mercado, como a madeira seca, passou ter valor, "aos pobres ficava assim negada qualquer relação com a natureza – mesmo que fosse para a sua sobrevivência - não mediada pelas instituições da propriedade privada" (FOSTER, 2005, p. 101).

---

<sup>2</sup> O homem é um ser genérico (Gattungswesen), não somente quando prática e teoricamente faz do gênero, tanto do seu próprio quanto do restante das coisas, o seu objeto, mas também - e isto é somente uma outra expressão da mesma coisa - quando se relaciona consigo mesmo como [com] o gênero vivo, presente, quando se relaciona consigo mesmo como [com] um ser universal, [e] por isso livre. (MARX, 2004, p. 83-84).

Marx compreende como o sistema de propriedade privada tanto no campo quanto nas cidades era antagônico à natureza, além de que o sistema econômico impactava ambientalmente nos grandes centros urbanos de maneira ainda mais intensa, analisando a forma em que as necessidades mais básicas deixaram de existir para os trabalhadores urbanos, tais como ar puro, luz, higiene. A alienação do trabalho constituía não somente enquanto alienação da força produtiva, mas também enquanto alienação da relação do ser humano com os aspectos mais comuns da interação homem e meio ambiente devido a propriedade privada. (MARX, 2004)

A alienação dos trabalhadores nas grandes cidades chegou assim ao ponto em que a luz, o ar, a limpeza, não eram mais parte da sua existência; em vez disso, eram a escuridão, o ar poluído e o esgoto in natura, não tratado, que constituíam o seu ambiente natural. Como resultado desta alienação da humanidade e da natureza, foram alijados não só o trabalho criativo, mas os elementos essenciais da própria vida. (FOSTER, 2005, p. 111).

O conceito de metabolismo utilizado por Marx definiu o movimento de interações sociais e ambientais imprescindíveis para a existência da vida. Nesse conceito, Marx abrange sobre a relação humana com a natureza enquanto suas condições de sobrevivência imposta por ela, mas também na capacidade dos seres humanos de influenciar esse processo, portanto o metabolismo compreende aspectos de troca energética e material com a natureza e a regulação desses aspectos por meios sociais, como a divisão do trabalho. A “falha” metabólica na relação entre a sociedade e a natureza apontou a alienação material dos seres humanos das condições de existência dentro do capitalismo (FOSTER, 2005).

Insistirem em que essa tal falha metabólica entre os seres humanos e o solo foi em larga escala criada pela sociedade capitalista era afirmar que 'as condições de sustentabilidade impostas pela natureza haviam sido violadas. "A produção capitalista", observou Marx, "volta-se para a terra só depois que esta foi exaurida pela sua influência e depois que as suas qualidades naturais foram por ela devastadas (FOSTER, 2005, p. 229).

Assim, é possível compreender que os mecanismos sociais que perpassam a relação de produção agrária e industrial, produzem não somente um estranhamento com o que os indivíduos dessa sociedade produzem, mas também como eles enxergam a sua relação com a natureza.

### 3. A IDEOLOGIA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

É importante notar que os meios de comunicação não são a fonte do controle ideológico imposto sobre a sociedade, mas sim um meio pelo qual a ideologia está introjetada nos indivíduos. Marcuse aponta que antes mesmo de que possa ocorrer um condicionamento dos indivíduos por parte das mídias, em um primeiro momento já ocorreu um condicionamento feito pelas relações de produção e consumo,

O pré-condicionamento não começa com a produção massiva das emissoras de rádio e televisão e com a centralização do seu controle. As pessoas entram nesse estágio como receptáculos pré-condicionados; a diferença decisiva está no nivelamento do contraste (ou conflito) entre o dado e o possível, entre as necessidades satisfeitas e não satisfeitas. Aqui, o assim chamado nivelamento das classes revela sua função ideológica. Se o trabalhador e seu chefe se divertem com o mesmo programa de televisão e visitam os mesmos lugares de lazer e descanso, se a datilógrafa está tão atraentemente maquiada quanto a filha do patrão, se o negro possui um Cadillac, se todos leem o mesmo jornal, então essa assimilação indica não o desaparecimento das

classes, mas a extensão na qual as necessidades e satisfações que servem para a preservação do *Establishment* são partilhadas por toda a população subjacente. [...] Pode realmente alguém distinguir entre os meios de comunicação de massa como instrumentos de informação e entretenimento, e como agentes de manipulação e doutrinação? (MARCUSE, 2015, p. 46-47).

Na perspectiva proposta por Marcuse a sociedade capitalista chegou em um estágio onde “os controles técnicos parecem ser a própria encarnação da Razão em benefício de todos os grupos e interesses sociais – em um nível tal que toda a contradição parece irracional e toda oposição impossível” (MARCUSE, 2015, p. 48), nesse momento, os meios de comunicação de massa cumprem um papel junto a ciência de tornar os interesses de classes divergentes em interesses ilusoriamente comuns. O autor reforça o caráter sócio-psicológico de uma sociedade que introjeta na mente das pessoas a impossibilidade de novas formas de existência enquanto sociedade, com isso se organiza então um aparato combinado de ocultação e legitimação de uma determinada forma de organização social.

Para Marcuse, a realidade constitui um estágio mais avançado de alienação, pois essa se tornou inteiramente objetiva, ela se consolida no próprio processo de produção. A racionalidade técnica demonstra seus aspectos políticos quando “o aparato produtivo e os bens de serviços que ele produz “vendem” ou impõem o sistema social como um todo” (MARCUSE, 2015, p. 49). Os produtos passam a ter um poder cada vez maior sobre os indivíduos a partir do momento em que a sociedade industrial tem o processo de produção cultural ideológico, Marcuse aponta como:

Os produtos doutrina e manipulam; eles promovem uma falsa consciência que é imune à sua falsidade. E como esses produtos benéficos tornam-se disponíveis a mais indivíduos em mais classes sociais, a doutrinação que eles levam a cabo deixa de ser publicidade; torna-se um estilo de vida. É um bom estilo de vida – muito melhor que antes – e enquanto um bom estilo de vida, ele age contra a mudança qualitativa. Surge assim um padrão de pensamento e *comportamento unidimensional*, no qual as ideias, aspirações e objetivos que, por seu conteúdo, transcendem o universo estabelecido do discurso e da ação, são ou repelidos ou reduzidos aos termos desse universo. (MARCUSE, 2015, p. 50).

O ponto fundamental da análise de Marcuse é a construção de um homem unidimensional, que não é capaz de enxergar alternativas para o seu modo de vida atual e saídas possíveis do capitalismo, com isso, observa-se o papel dos meios de comunicação de massa em reproduzir esse pensamento unidimensional. A razão técnica nesse momento não cumpre somente um papel de verificação dos fatos, mas também como ciência ideológica voltada ao progresso técnico do capitalismo, exerce um papel de legitimação e ocultação do sistema de dominação e miséria humana resultante do processo produtivo do aparato tecnológico.

O domínio cultural da sociedade industrial, a “dessublimação repressiva” está centrado na uniformização cultural, a partir da capacidade de enfraquecer o antagonismo entre cultura superior e realidade social ao incorporar a cultura superior no sistema capitalista por meio da reprodução e exibição em larga escala (MARCUSE, 2015). Marcuse observa como os “valores culturais” reproduzidos pelos meios de comunicação de massa operam como um instrumento de coesão social, não importando a contradição intrínseca desses valores com a realidade social:

Se os meios de comunicação de massa misturam harmoniosamente, e muitas vezes imperceptivelmente, arte, política, religião e filosofia com comerciais, eles trazem esses domínios da cultura ao seu denominador comum – a forma mercadoria. A música da alma é também a música da arte de vender. O que conta é o valor de troca, não o valor de verdade. A racionalidade do *status quo* se centra no valor de troca, e toda racionalidade que é diferente se curva a ele (MARCUSE, 2015, p. 86).

Tal “dessublimação repressiva” opera em favor do *status quo*, e o processo de transformação cultural da sociedade pré-industrial na sociedade industrial resultou em uma sociabilidade que foi levada a “encontrar no aparato produtivo o agente efetivo de pensamento e ação ao qual seus pensamentos e ações pessoais podem e devem ser submetidos. E nessa transferência, o aparato também assume o papel de um agente moral. A consciência é absolvida pela reificação, pela necessidade geral das coisas” (MARCUSE, 2015, p. 102).

A perspectiva da indústria cultural de Adorno e Horkheimer contribui para a compreensão de como a ciência e a ideologia opera no processo de reprodução cultural em favor da dominação capitalista,

A linguagem que apela apenas à verdade desperta tão somente a impaciência de chegar logo ao objetivo comercial que ela na realidade persegue. A palavra que não é simples meio para algum fim parece destituída de sentido, e as outras parecem simples ficção, inverdade. Os juízos de valor são percebidos ou como publicidade ou como conversa fiada. A ideologia assim reduzida a um discurso vago e descompromissado nem por isso se torna mais transparente e, tampouco, mais fraca. Justamente sua vagueza, a aversão quase científica a fixar-se em qualquer coisa que não se deixe verificar, funciona como instrumento da dominação (ADORNO e HORKHEIMER, 2006, p.138).

Porém, a dominação cultural da sociedade industrial consegue organizar as contradições da realidade em favor de uma organização econômica, não somente através de um discurso inverificável, mas também em acordo com a verificabilidade científica. A ideologia na mistificação das massas está além de um discurso muitas vezes falso, mas também como uma descrição da realidade através de dados científicos em discurso com fim em si mesmo.

A indústria cultural tem a tendência de se transformar num conjunto de proposições protocolares e, por isso mesmo, no profeta irrefutável da ordem existente. Ela se esgueira com mestria entre os escolhos da informação ostensivamente falsa e da verdade manifesta, reproduzindo com fidelidade o fenômeno cuja opacidade bloqueia o discernimento e erige em ideal o fenômeno onipresente (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p.138).

A televisão e o rádio transmitem ao telespectador uma certa imparcialidade quase que científica, e dessa forma, a publicidade e o noticiário se relacionam uma em favor da outra. Em um momento, as pessoas estão ouvindo sobre como a crise climática está afetando a economia nacional, para logo depois, escutarem anúncios sobre o benefício da mineração e do agronegócio no país. O caráter contraditório da mídia tradicional é ocultado através do poder ideológico da razão técnica, que pelo aparato científico encontra um lastro material, muitas das vezes econômico, para a naturalização do modo de produção desse sistema que performa uma postura ecológica falaciosa. Os autores ressaltam que “ao integrar todos os produtos culturais na esfera das mercadorias, o rádio renuncia totalmente a vender como mercadorias seus produtos culturais. Deste modo, ele assume a forma de uma autoridade desinteressada, acima dos partidos, que é como que talhada sob medida para o fascismo” (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 149)

A produção cultural na sociedade industrial foi instrumentalizada em favor da dominação econômica. Os designs de marcas, as propagandas publicitárias, o desenvolvimento visual em campanhas políticas, mostram que cada vez mais a ferramenta artística conseguiu administrar um controle mental em favor de uma dominação não somente cultural, como também política e econômica. A indústria cultural opera em favor da constante reprodução da lógica de produção e consumo do sistema capitalista, com isso, se estabelece uma legitimação desse modelo de sociabilidade.

Tanto técnica quanto economicamente, a publicidade e a indústria cultural se confundem. Tanto lá como cá, a mesma coisa aparece em inúmeros lugares, e a repetição mecânica do mesmo produto cultural já é a repetição do mesmo slogan propagandístico. Lá como cá, sob o imperativo da eficácia, a técnica converte-se em

psicotécnica, em procedimento de manipulação das pessoas (ADORNO e HORKHEIMER, 2006, p. 149).

#### 4. CRISE CLIMÁTICA E OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Em uma lógica parecida com a do sistema de dependência de fertilizantes desenvolvido na Inglaterra e nos Estados Unidos durante a “segunda revolução agrícola”<sup>3</sup>, momento em que houve a passagem de um capitalismo pré-industrial para o capitalismo industrial, se desenvolveu a terceira revolução agrícola no séc. XX, que

envolveu a substituição da tração animal pela tração mecânica na agricultura, seguida pela concentração de animais em estábulos imensos, conjugada com a alteração genética das plantas (produzindo monoculturas mais estreitas) e o uso mais intensivo de substâncias químicas - tais como fertilizantes e pesticidas (FOSTER, 2005, p. 210).

Essas alterações no modo de produção no campo afetaram diversos países como Brasil, Argentina, Canada e Estados Unidos de maneira mais intensa que outros, enquanto a produção nesses locais teve um movimento de degradação ambiental e humano maior, como por exemplo, o cultivo de sementes transgênicas, que aumentaram extensivamente de soja, milho, algodão e outras culturas, criando um sistema dependência da compra e o pagamento de royalties pelo cultivo dessas sementes entre os produtores agrários e as multinacionais de agricultura. Além disso, essas empresas obtiveram a capacidade de controle da produção e comércio internacional de Commodities a partir da venda tanto de sementes transgênicas, quanto de agrotóxicos compatíveis com elas. O incentivo estatal e o lobby empresarial conseguiram ampliar o cultivo de monoculturas transgênicas, enquanto, devido à contaminação de plantas não transgênicas pelas geneticamente modificadas, há uma investida contra movimentos agroecológicos e o cultivo de sementes crioulas. Nesse movimento político, econômico e ambiental, a tomada de milhares de hectares de terra para o cultivo de monoculturas transgênicas impactou negativamente as pequenas propriedades de produção de culturas não transgênicas.

Observa-se que a relação antagônica entre pequenas e grandes propriedades, foi de certo modo, já pensada por Marx no contexto econômico de regulação de renda dos terrenos e valor das mercadorias produzidas nessas terras:

De maneira geral, grande propriedade fundiária e pequena se relacionam da mesma forma que grande e pequeno capital. Mas surgem ainda circunstâncias especiais que trazem incondicionalmente a acumulação da grande propriedade fundiária e a engolição da pequena por parte daquela (MARX, 2004, p. 71)

Além da perspectiva econômica em que a propriedade fundiária de larga escala, obtém o controle financeiro do valor da terra e das mercadorias, que suprime a subsistência das pequenas propriedades de terra, existe um empate político por parte dessas propriedades em adquirir com o poder exercido através do Estado que incentiva a exportação de *commodities* como um direcionamento da economia nacional. A subjugação por parte da elite brasileira em manter o país enquanto exportador de commodities, impacta na produção sustentável de alimentos em favor de um modelo econômico internacional. Com esse caráter internacional, a divisão internacional do trabalho opera em favor dos países mais industrializados, enquanto impõe aos países periféricos a produção de valor a partir da máxima exploração da terra. Marx analisa:

A constante “transformação em supranumerários” dos trabalhadores nos países da grande indústria estimula de modo artificial a emigração e a colonização de países estrangeiros, transformando-os em celeiros de matérias-primas para a

---

<sup>3</sup> Foster aponta que a segunda revolução agrícola, ocorreu em período mais breve- 1830-1880- e se caracterizou pelo crescimento de uma indústria de fertilizantes e pelo desenvolvimento da química de solos (FOSTER, 2005, p. 210)

metrópole [...] Cria-se, assim, uma nova divisão internacional do trabalho, adequada às principais sedes da indústria mecanizada, divisão que transforma uma parte do globo terrestre em campo de produção preferencialmente agrícola voltado a suprir as necessidades de outro campo, preferencialmente industrial. Tal revolução é acompanhada de profundas modificações na agricultura (MARX, 2017, p. 523).

Nesses países opera um sistema de destruição da natureza para um fim econômico, incentivado com desenvolvimento tecnológico das empresas de extração de minério, biotecnologia e agricultura dos países industrializados, lucram com a degradação ambiental e o esgotamento do solo. É notável que os países que têm altas taxas de exportação de *commodities* também são aqueles em que acontecem as maiores degradações ambientais em consequência desse sistema de esgotamento do solo. A ciência funciona no desenvolvimento técnico da produtividade agrária ao mesmo tempo que em que resulta na degradação do solo. Marx analisa como o processo de aumento de produtividade e exploração do trabalho, se relaciona com o aumento de produtividade e exploração ambiental:

Assim como na indústria urbana, na agricultura moderna o incremento da força produtiva e a maior mobilização do trabalho são obtidos por meio da devastação e do esgotamento da própria força de trabalho. E todo progresso da agricultura capitalista é um progresso na arte de saquear não só o trabalhador, mas também o solo, pois cada progresso alcançado no aumento da fertilidade do solo por certo período é ao mesmo tempo um progresso no esgotamento das fontes duradouras dessa fertilidade [...] Por isso, a produção capitalista só desenvolve a técnica e a combinação do processo de produção social na medida em que solapa os mananciais de toda a riqueza: a terra e o trabalhador (MARX, 2017, p. 573).

No que se refere aos meios de comunicação de massa tradicionais brasileiros, observa-se a relação entre mídia e o modo de produção de commodities acontecem de forma intensa. As propagandas de “Agro é pop”, transmitida em uma das maiores redes de televisão ao longo de todo o dia, mostra em grande parte das diversas versões feitas, pequenos produtores que cultivam de forma mais sustentável, algumas cenas mostram o agricultor carregando a mercadoria em carroças, outras, uma pequena propriedade familiar que cultiva hortaliças orgânicas. A propaganda cria então uma associação entre o pequeno agricultor e o grande latifundiário como todos pertencentes ao “agro”, nisso o mecanismo de ocultação ideológico funciona para transmitir ao público que as produções agrícolas no país operam de forma saudável enquanto reforçam a ideia de que movem a economia nacional. O slogan “Agro é pop, agro é tech, agro é tudo”, aponta a associação entre tecnologia, sociedade e produção no campo, uma relação que de fato acontece, mas a interação entre campo e cidade é muito mais antagônica do que a criada imagetivamente pela publicidade, enquanto a produção sustentável é confundida com a produção insustentável de alimentos.

É importante destacar que o aumento na produtividade de alimentos em nada resolveu o problema da fome, o esgotamento do solo e das águas resultou apenas na apropriação do capital em detrimento delas. A fome enquanto problema econômico e social, vinculada a “falha metabólica”, em que não existe a possibilidade do trabalho de subsistência, o alimento somente pode ser acessado pelo trabalho estranho, e produzida e reproduzida por um sistema que fornece a impossibilidade da produção de alimentos através do controle da terra em função da propriedade privada e produção de valor da terra. A produção exploratória em grande escala, em nada beneficia o trabalhador, Marx destaca que o sistema produtivo no capitalismo, opera de tal forma que:

A indústria e a agricultura em grande escala, exploradas de modo industrial, atuam de forma conjunta. Se num primeiro momento elas se distinguem pelo fato de que a primeira devasta e destrói mais a força de trabalho e, com isso, a força natural do homem, ao passo que a segunda depreda mais diretamente a força natural da terra, posteriormente, no curso do desenvolvimento, ambas se dão

as mãos, uma vez que o sistema industrial na zona rural também exaure os trabalhadores, enquanto a indústria e o comércio, por sua vez, fornecem à agricultura os meios para o esgotamento do solo (MARX, 2017, p. 873).

A ideologia operacionada nas mídias, reproduzida através de comunicadores dos tradicionais meios de comunicação, refletem a unidimensionalidade do indivíduo industrial, onde o horizonte de alternativas possíveis para a crise climática é ocultado pelas soluções propostas pelo capitalismo verde. Além disso, o discurso adaptacionista vincula uma narrativa de agora é preciso que as cidades se adaptem à nova realidade da emergência climática, mas sem que aconteça um apontamento dos modos de produção e consumo do sistema capitalista como causadores de tal. Conseqüentemente, a impossibilidade de uma alteração do sistema capitalista é introjetada através do discurso midiático, legitimado pela razão técnica, principalmente pelo discurso econômico.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a ideologia cumpre um papel fundamental na manutenção de um sistema frente a maior crise ambiental já vivida pela sociedade capitalista, conseqüentemente a ideologia tem sido reproduzida através dos meios de comunicação. A razão técnica legitima as falsas soluções para a crise climática reproduzida pela mídia, enquanto oculta os horizontes de possibilidade de alterações nos modos de produção e consumo. É importante frisar que o presente trabalho analisa o discurso transmitido através dos meios de comunicação tradicionais, como a televisão e a rádio, compreendendo que no contexto atual o discurso ideológico dos meios de comunicação também é reproduzido de forma intensa através das redes sociais nas novas formas de divulgação de informação que existem nelas.

O poder da ideologia frente aos problemas ambientais, reflete uma construção histórica do processo de dominação ideológica ao longo do desenvolvimento do capitalismo industrial, em todas as crises do capitalismo, a ideologia se faz presente para a manutenção da passividade social e a perpetuação da lógica de produção capitalista.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W., & HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro, Zahar, 2006.
- EAGLETON, T. **Ideologia: uma introdução**. São Paulo, Boitempo Editorial, 1997.
- FOSTER, J. B. **A ecologia de Marx – materialismo e natureza**, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2005.
- KONDER, L. **A questão da ideologia**. São Paulo, Companhia das Letras, 2002.
- MARCUSE, H. **O homem unidimensional**. São Paulo, Edipro, 2015.
- MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo, Boitempo Editorial, 2004.
- MARX, K. **O Capital: Crítica da Economia Política**. Livro 1 O processo de produção do capital. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.
- MARX, K. **O Capital: Crítica da Economia Política**. Livro 3: O processo global da produção capitalista. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2017